

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CÂMPUS PANTANAL
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

ANNY CAROLINE DURAN BORGES

VARIAÇÃO LEXICAL DO PORTUGUÊS PANTANEIRO:

Um estudo da linguagem presente na novela Pantanal

CORUMBÁ – MS

2023

ANNY CAROLINE DURAN BORGES

VARIAÇÃO LEXICAL DO PORTUGUÊS PANTANEIRO:

Um estudo da linguagem presente na novela Pantanal

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Câmpus do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como requisito parcial à obtenção do Grau de Licenciado em Letras Português/Inglês.

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Rosangela Villa da Silva

CORUMBÁ – MS

2023

Epígrafe

“A linguagem é, assim, a forma propriamente humana da comunicação, da relação com o mundo e com os outros, da vida social e política, do pensamento e das artes.”.

Chauí
(2000, p. 173)

Agradecimentos

Agradeço a todos os familiares e amigos que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, auxiliando e dando suporte para que eu pudesse alcançar este objetivo.

Agradeço também a minha orientadora, que, mesmo diante das minhas dificuldades, disponibilizou o seu tempo para sanar minhas dúvidas, e com muita paciência e dedicação ajudou-me para que eu finalizasse esse trabalho com êxito. A todos os professores do curso que foram responsáveis pela minha constante formação.

RESUMO

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso é apresentar um estudo sobre as variações lexicais presentes no falar dos principais personagens da novela Pantanal (Novela exibida às 21 horas na TV Globo), escrita por Benedito Ruy Barbosa em 1990, e adaptada por Bruno Luperi em 2022. As variedades foram coletadas assistindo a película ao vivo no período de outubro de 2022 a dezembro de 2022. Nesse trabalho, evidenciaremos e explicaremos através de acervos teóricos como surgem essas variadas formas lexicais e quais os fatores que conduziram a essa transformação. Foi constatado que há duas circunstâncias a respeito sobre as variações lexicais, uma de ordem fonológica, por exemplo em termos como *querimbóra; simhora; cê; parecência e rupiei* que os falantes utilizam por ser uma forma mais econômica de se falar. E outra de que as línguas advindas do latim passaram por transformações ao longo do tempo por causa de falantes que não tinham muito contato com as normas cultas tal qual em aluminar, de iluminar. Alguns vocábulos da região pantaneira, tais como *larga mão, frozô, etc.* Também foi observado que as mulheres tendem a falar muito os *ara, reiva (tô com reiva), etc.* Já os homens, *perfumosa, larga mão, frozô, etc.* Um outro fenômeno encontrado é o da monotongação (BAGNO, 2006, p. 106), isto é, quando dois sons vocálicos (ditongo) são transformados em apenas um som (monotongo), como é o caso de OU e EI, nos exemplos: *Porquera, Dexa queto e Otro*. Isso acontece porque na pronúncia o ponto de articulação é igual ou próximo, fazendo com que se assimilem. Ao passo que Silva e Ferreira (2020, p. 95) apresentam que o linguajar pantaneiro está presente os sons de fonemas “/g/, /j/ e /ch/ em: *djente (gente), djeito (jeito) e tchão (chão)*).

Palavras-chaves: TCC, UFMS/CPAN, Sociolinguística, Variação lexical, Variedade pantaneira.

ABSTRACT

The objective of this course conclusion work is to present a study on the lexical variations present in the speech of the main characters of the telenovela *Pantanal* (Soap opera shown at 9 pm on TV Globo), written by Benedito Ruy Barbosa in 1990, and adapted by Bruno Luperi in 2022. The varieties were collected watching the film live from October 2022 to December 2022. In this work, we will show and explain through theoretical collections how these varied lexical forms appear and what factors led to this transformation. It was found that there are two circumstances regarding lexical variations, one of a phonological nature, for example in terms such as *querimbóra*; *let's go*; *you*; *resemblance* and *rupeiei* that speakers use because it is a more economical way of speaking. And another that the languages derived from Latin underwent transformations over time. Some words from the *Pantanal* region, such as *broad hand*, *frozô*, etc. It was also observed that women tend to speak *ara*, *reiva* (*tô com reiva*), etc. A lot of Men, on the other hand, *perfumosa*, *larga mão*, *frozô*, etc. Another phenomenon found is that of monophthongization (BAGNO, 2006, p. 106), that is, when two vowel sounds (diphthong) are transformed into just one sound (monophthong), as is the case of *ou* and *ei*, in the examples: *Porquera*, *Dexa queto* and *Otro*. This happens because in pronunciation the point of articulation is equal or close, causing them to assimilate. While Silva and Ferreira (2020, p. 95) show that the *panteneiro* language is present in the sounds of phonemes “/g/, /j/ e /ch/ em: *djente* (*gente*), *djeito* (*jeito*) e *tchão* (*chão*).

Keywords: TCC, UFMS/CPAN, Sociolinguistics, Lexical variation, *Pantanal* speak.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	7
2.1. O que é a Sociolinguística?	7
2.2. Heterogeneidade da língua	8
3. O PORTUGUÊS PANTANEIRO	9
4. NOVELA PANTANAL – CONTEXTO	10
5. METODOLOGIA DA PESQUISA COM VARIAÇÃO LEXICAL	10
6. VARIANTES LEXICAIS NA NOVELA PANTANAL	11
7. VARIANTES NÃO-PADRÃO VS. NORMA PADRÃO.....	12
8. RESULTADOS E EXPLICAÇÕES.....	13
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
REFERÊNCIAS.....	16

1. INTRODUÇÃO

A escolha do tema ocorreu após o estudo da disciplina de Sociolinguística, inserida na grade curricular do curso de Letras Português/Inglês (CPAN-UFMS). Ao passo que ao ver que a novela exibida às 21 horas no canal da Rede Globo se tratava de uma produção com um contexto regional e linguístico do Pantanal sul-mato-grossense, despertou um interesse para analisar a película. Nesse âmbito, os personagens possuíam falas regionais bem marcadas, motivo pelo qual aguçou a curiosidade de desenvolver esse trabalho, levando a elaborar uma explicação para ocorrência dessas variações lexicais.

O conjunto de palavras e expressões de uma determinada língua é chamado de léxico, então, o estudo do léxico ou das variações lexicais é entendido como observar e examinar uma dada língua para ver como um povo usa as palavras.

Este trabalho tem como finalidade evidenciar, por meio de exemplares de enunciados lexicais, as variações linguísticas presentes na linguagem dos principais personagens da telenovela *Pantanal*, exibida pela Rede Globo no ano de 2022, com base em reflexões da Sociolinguística. A Sociolinguística é a área de conhecimento com a qual iremos fundamentar esse estudo.

Para o desenvolvimento deste trabalho, propusemos uma abordagem sobre as variações linguísticas observadas na novela *Pantanal*, listando alguns enunciados, e para tanto, compusemos uma descrição e análise dessas variações lexicais baseados nos estudos de Marcos Bagno *A língua de Eulália* (2006), que traz explicações sobre as variantes linguísticas em forma de uma narrativa repleta de espontaneidade, a qual resulta na produção de enunciados sociolinguísticos de grande valia.

A partir de acervo teórico da área será desenvolvida explicação para as variações lexicais presentes na linguagem da comunidade pantaneira. Dessa forma, levaremos conhecimento ao leitor, servindo-lhe como suporte para outras áreas de estudos linguísticos. Por meio dessa pesquisa, iremos discernir o que não devemos tratar como “erro” e sim como variação, de modo a evitar preconceitos linguísticos.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1. O que é a Sociolinguística?

Inicialmente, devemos destacar que o principal precursor dos estudos linguísticos foi Ferdinand Saussure (1857-1913) ao tratar a língua como um sistema, referindo-se ao meio de comunicação que interage o coletivo, enquanto a fala é individual, definindo assim como duas vertentes *langue* e *parole*. Após sua morte foi publicado o livro elaborado pelos seus aprendizes conhecido como “*Curso de Linguística Geral*”, no qual

se apresenta a língua em caráter estrutural, permitindo, assim, que a Linguística se transformasse em ciência.

Vale ressaltar, ainda, os estudos de Noam Chomsky (1957), que defendia que a língua é inata ao ser humano, ou seja, um objeto mental já envolvido geneticamente no ser humano, abordagem que ficou conhecida como *Gerativismo*, em que o autor estabelece como referência a *Gramática Universal*, e fatores de competência e desempenho do falante.¹

A partir dos anos 1950, fomenta-se um período de maior discussão sobre a língua em suas relações sociais. É nesse período que surge a ideia de Sociolinguística, tratando-se de um ramo da Linguística que estuda a relação entre língua e sociedade, sendo, especificamente, seu objeto de estudo, a variabilidade do comportamento linguístico de determinada comunidade de fala. Diante disso, temos que destacar estudos como os de William Labov, os quais ganharam grande repercussão ao defenderem que a variação linguística é resultante de fatores sociais, ou seja, do contexto em que está inserida. Desse modo, afirmam que o objeto de estudo da Sociolinguística é a fala no contexto social de interação. O autor enfatiza que a língua é um fenômeno heterogêneo, ou seja, não existe falante/ouvinte ideal ou homogeneidade em toda a comunidade linguística.

Tarallo (1986, p. 8) afirma que em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. A essa variação dá-se o nome de “variantes linguísticas”, que são as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística”.

2.2. Heterogeneidade da língua

Consoante ao que citamos, o autor William Labov trata a língua como um sistema heterogêneo, dessa maneira, a variabilidade linguística será intrínseca a uma comunidade de fala. Vejamos como descreve Coelho, et al. (2010):

Na abordagem laboviana, vale lembrar que o fato de a variação ser inerente às línguas está ligado diretamente à noção de heterogeneidade – as línguas são sistemas heterogêneos (e não homogêneos, conforme postulam Saussure e Chomsky) (2010, p. 23).

A partir disso, a definição de língua como um sistema homogêneo, assim defendida em estudos anteriores, é desconstruída, de modo que surge uma nova perspectiva sobre a língua, considerando-a como um sistema em constante modificação, podendo-se observar alto índice de variabilidade em uma comunidade de fala, a depender dos fatores sociais elencados. Nesse ínterim, Labov discorre que o falante é o principal meio de examinar a língua no dia a dia: “*O objeto da descrição linguística é a*

¹ Competência é o jeito de produzir várias sentenças seguindo a ordem da gramática interna da língua; e desempenho é saber utilizar essas sentenças da maneira adequada.

gramática da comunidade de fala: o sistema de comunicação usado na interação social.” (LABOV, 1982, p. 18).

Essa heterogeneidade da língua é caracterizada também pelo autor Fernando Tarallo (1986, p. 6), o qual menciona que: “A cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada, é, a um só tempo, heterogênea e diversificada.”

Diante dessas citações, fica evidente que os autores os quais estudam esse ramo da Linguística acreditam veemente que a língua sofre variação dependendo dos fatores externos. Nesse âmbito, o meio social em que o falante se situa reproduz a língua. Mas isso não significa que a língua não é passível de sistematização, muito pelo contrário, a língua segue regras variáveis, as quais são estudadas e explicadas pelas pesquisas sociolinguísticas.

3. O PORTUGUÊS PANTANEIRO

Assim como em muitas regiões do Brasil, o Pantanal possui sua particularidade, tanto geográfica, incluindo seus ricos biomas tão conhecidos no país, como também na sua diversidade linguística, já observada e apresentada em alguns estudos. Dentre eles está a publicação de Marques e Isquardo (2019):

Pode-se afirmar, portanto, que a cosmovisão do homem pantaneiro é, em boa medida, um reflexo de sua relação com o meio físico em que vive, de modo que a construção de seu universo lexical parece sofrer a influência do meio físico e da realidade a sua volta (MARQUES; ISQUERDO, 2019, p. 183).

Desta maneira, cabe aos estudos sociolinguísticos explicar as variações presentes na linguagem dos falantes desta região, conforme explica Lima (2008): É, pois, tarefa da Sociolinguística descrever a variação, sistematizá-la, demonstrar seus fatores condicionantes, de modo a comprovar sua não aleatoriedade. (LIMA, 2008, Pág. 26). Ou seja, a sociolinguística visa demonstrar que o falante não escolhe uma palavra e a modifica por que ele quer, mas por uma determinada razão. O português, assim como qualquer outro idioma, sofre variação a depender de sua localidade (espaço geográfico), como também das características dos falantes (faixa etária, gênero, escolarização, dentre outros), e com isso pode se modificar no decorrer do tempo. A esse tipo de fenômeno, conforme explícito no livro *A língua de Eulália*, de Marcos Bagno (2006, p. 23): “chamamos de *mudança diacrônica* (tempo) e *variação diatópica* (espaço geográfico)”. Portanto, os eixos do tempo e do espaço são de suma importância para a compreensão da relação entre a linguagem e a identidade de determinada localidade.

Existem regiões que, além das suas variações linguísticas, possuem dialetos que são únicos, que muitas vezes são desconhecidos pelos falantes da mesma língua, mas são entendidos por determinada comunidade de fala, assim ocorre com os personagens

da novela Pantanal, que são representados como falantes do dialeto caipira² característico do meio rural.

4. NOVELA PANTANAL – CONTEXTO

A novela Pantanal foi ambientada na região do Pantanal Sul-Mato-Grossense e conta a história de um peão chamado Joventino, que é conhecido como encantador de animais. O personagem Joventino e seu filho José Leôncio são peões de comitiva pantaneira. Após o sumiço de Joventino, seu filho passa a assumir as rédeas da fazenda e enriquece com a criação de gados, assim se tornando “Rei do Gado”. Após um tempo, José Leôncio conhece Madeleine na cidade do Rio de Janeiro, casa-se com a moça trazendo-a para conviver no Pantanal. Ocorre que a moça não se adapta a vida rural e retorna à cidade, nesse meio tempo nasce Joventino, filho do casal, que é criado na cidade, sem conhecer o pai.

Após adulto descobre que seu pai é vivo e retorna ao Pantanal. Mas devido a visões de mundo diferentes, pai e filho se desentendem durante a convivência. Joventino acaba se apaixonando por Juma Marruá, uma moça que foi criada por sua mãe de modo selvagem, ambos iniciam um romance. Além desses personagens há outros que desenrolam a trama, tais como Tenório, Maria Bruaca, Filó, Zé Lucas, Tadeu, Guta, Irma, Trindade, Tibério, Muda e Velho do Rio. A novela em si carrega forças da natureza, trazendo personificação de pessoas em animais, como Onça e Sucuri, além de transmitir ensinamentos sobre a natureza e ainda mostrar a realidade do povo pantaneiro, com destaque para a típica linguagem pantaneira.

5. METODOLOGIA DA PESQUISA COM VARIAÇÃO LEXICAL

Quem acompanha a trama logo toma conhecimento do mundo rural pantaneiro, representado pela novela através das falas dos personagens. É possível também identificar algumas variações lexicais, bem como alguns vocábulos próprios do povo pantaneiro.

A abordagem para esse método de pesquisa foi em parte amparado nos estudos de Fernando Tarallo (1986), o qual definiu que, para elaborarmos uma análise de dados sociolinguísticos, devemos procurar fazer o papel de pesquisador-observador. O objeto de estudo para essa análise é o que o autor chama de “vernáculo”, ou seja, a língua falada de maneira natural no ato da enunciação. Com base nisso, ao assistir a novela, pudemos observar a variação lexical presente nas falas dos personagens, de modo que elaboramos a seguir uma lista com alguns exemplares de variantes do repertório da narrativa.

² Cf. O Dialeto Caipira (1922), livro de Amadeu Amaral, um dos primeiros livros a demonstrar o falar caipira brasileiro.

6. VARIANTES LEXICAIS NA NOVELA PANTANAL

Variantes não-padrão	Norma padrão/Significados
Alforje	Mala de garupa, no Pantanal é adaptada ao lombo do cavalo.
Andano	Andando
Ara!	Uma espécie de interjeição que denota impaciência ou espanto, a depender do contexto de fala.
Arribado	Triste ou desanimado
Banzé	Bagunça ou barulho
Berrante	É uma corneta feita de chifre de bois que os peões soam para guiar os gados.
Bruaca	Termo pejorativo para designar a uma mulher de modo ofensivo a sua aparência.
Cavalu	Cavalo
Cê	Você
Chalana	Embarcação de fundo plano, mais conhecida em regiões que possuem rio, como é o caso do Pantanal.
Comitiva	Locomoção dos gados em bandos guiados pelos peões.
Cramulhão	Entidade que faz maldade
Currutela	Local de prostíbulo que abrigam profissionais do sexo, usa-se essa expressão para lugares afastados, como garimpo.
Dexa queto	Deixa quieto
Diacho	Reclamação ou insatisfação com alguma coisa.
Emprenhar	Engravidar
Enrabichar	Envolver-se amorosamente com alguém
Eu alembro	Eu lembro
Frozô	Expressão pejorativa para referir-se a um homem sem masculinidade.
Jacú	Termo usado para referir a pessoa que é “cheia de frescuras”.
Larga mão	Deixa isso
Marruá	Bois selvagens, considerados difíceis de serem domados. Portanto, quando se refere a uma pessoa, o termo faz referência a uma pessoa arredia.
Nós vai lá	Nós vamos lá
Num quero	Não quero
Olhadura	O mesmo que referir a uma pessoa que está de “cara feia” ou mal humorada.
Parecência	Aparência
Periquito que fala	Celular
Pionada	O mesmo que Peonada; Coletivo de

	peões.
Pirangueiro	Pessoa mau caráter.
Pítica	Criança
Pobrema	Problema
Porquera	O mesmo de porqueira. Esse termo se refere a algo ou sujeito sujo, pois advém do animal porco que vive em chiqueiro.
Prefumosa	Cheirosa
Querimbóra	Quero ir embora
Relar	Encostar
Rupiei	Arrepiei
Simbora	Vamos embora
Suzinha	Sozinha
Tapera	Casa antiga e mal cuidada, geralmente localizada em zonas rurais.
Tô com reiva	Estou com raiva
Trabaiá	Trabalhar
Tristi	Triste
Véio do rio	Velho do rio
Outro	Outro

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

7. VARIANTES NÃO-PADRÃO VS. NORMA PADRÃO

Conforme abordamos anteriormente, a língua sofre variação e mudança, dessa forma, pode mudar com o tempo e variar no espaço. É por essas razões que a novela expõe a rotina de fazendeiros e donos de terras rurais, acompanhando o seu repertório linguístico. Podemos perceber que se trata de personagens que não foram alfabetizados ou que tiveram menos contato com o ensino escolar, como ocorre com a personagem *Juma*, que só teve contato com a leitura e escrita após conhecer o personagem Joventino.

Diante dessas observações, os linguistas denominam como norma padrão a forma mais prestigiada, as quais possuem maior investimento e foram institucionalizadas, por motivo de ordem histórica, econômica e cultural. Assim, essas formas se tornam mais reconhecidas, causando desprestígio de outras variedades, e estabelecendo um modelo a ser seguido, que desfavorece as outras variantes e qualificam-nas como “erros”. Conforme explica Dittmar (1976):

Variedade padrão é aquela variedade de uma comunidade de fala que é legitimada e institucionalizada como um método suprarregional de comunicação, como resultado de várias circunstâncias sociopolíticas, relacionadas a detenção do poder, no processo histórico. (DITTMAR, 1976, p. 107).

As variantes não-padrão são todas as outras variedades desconsideradas pela norma-padrão, que normalmente advém da língua da maioria pobre com menos acesso à

educação, assim torna-se uma forma de falar ridicularizada por certos falantes da norma culta e também pelas pessoas que acreditam na ideia de língua única, formando assim um preconceito linguístico.

8. RESULTADOS E EXPLICAÇÕES

A explicação primordial para essas variações lexicais refere-se a duas circunstâncias, sendo uma de ordem fonológica, pois os falantes costumam simplificar a fala, muitas vezes ocorre de a enunciação não estar dentro dos parâmetros da norma culta, sendo assim o falante enuncia de maneira mais facilitada, assimilando uma consoante ou vogal próximos. Outra explicação seria de que o português, assim como vários outros idiomas, advém do latim, muitas palavras foram se modificando ao longo do tempo, mas para alguns falantes com menos contato com as normas cultas e suas modificações é como se algumas palavras se mantivessem com as mesmas regras, por exemplo, aluminar, de iluminar; alembro, de lembro.

Nos casos apresentados em *Querimbóra*, *Simbora*, *Cê*, *Parecência* e *Rupiei*, houve uma supressão de sílabas, com intuito de facilitador fonético, como já dito anteriormente, a fala tende a ser mais econômica. Conforme explica no trabalho de pesquisa de Oliveira (2018):

Essa supressão ocorre em quatro contextos: supressão de vogais entre consoantes e antes de pausa; supressão de vogais na posição postônica não final; supressão de sílabas inteiras em limite de palavras e supressão de sílabas átonas pretônicas. (OLIVEIRA, 2018, Pág. 01).

Uma das grandes ocorrências observadas no repertório da trama é a troca das consoantes L em R, a este fenômeno é dado o nome de rotacismo. Conforme explica em a novela sociolinguística de Bagno (2006, p. 46), A língua de Eulália, “[... está apenas acompanhando a natural inclinação rotacizante da língua.]” como é o caso do exemplo *probrema* e *pobrema*. Isso ocorre porque as duas consoantes têm o ponto de articulação pelos alvéolos dentais, porém o modo de articulação de L é lateral, enquanto R é vibrante. Conforme explica Ribeiro *et al* (2019):

Ambas são alveolares e, tendo os alvéolos como articulador passivo, são pronunciadas com a ponta da língua tocando os alvéolos dos dentes, ou seja, o local em que os dentes estão implantados. (RIBEIRO, *et al*, p. 262).

Em grande parte da fala dos personagens é perceptível a ausência de marcas de plurais, como inserido no exemplo *nós vai lá*, isso acontece porque no português não-padrão não há necessidade de redundância, neste caso apenas um termo infere o número (nós) não havendo concordância nos demais. O português não padrão é mais

simplificado “[...] é mais sóbrio, mais econômico, mais modesto [...]” (BAGNO, 2006, pág. 58).

Outra ocorrência bastante frequente é a troca do som consonantal LH /λ/ por I /γ/, exposto no exemplo *Trabaia* e *Véio do Rio*, esse processo é chamado de *yeísmo*, ao fazermos comparação com outras línguas como Francês e Espanhol (padrão) percebemos a semelhança dessa manifestação com a variação de português não-padrão.

Uma explicação de ordem fonológica para o *yeísmo* está descrito por Lausberg (1981), ao fazer um estudo sobre linguística românica:

Por afrouxamento e, finalmente, abandono da oclusão central, forma-se do /λ/ (difícil de pronunciar por causa da elasticidade reduzida do dorso da língua) muito naturalmente a fricativa /γ/ como em francês, espanhol popular e dialetal. (LAUSBERG, 1981. p. 71).

Durante as cenas da novela também estiveram muito presentes casos de simplificação nas conjugações verbais em gerúndio, como é o caso de *Andano* ao invés de *Andando*, esse processo é chamado de assimilação, uma vez por ordem fonológica o N e o D são produzidas na mesma zona de articulação (a língua toca levemente o céu da boca onde se encaixam os dentes). Portanto, essas consoantes são chamadas de *dentais* e nesse caso se assimilam em apenas um som. *A língua de Eulália* também traz essa explicação: “é a força que tenta fazer com que dois sons diferentes, mas com algum parentesco, se tornem iguais, semelhantes.” (BAGNO, 2006, pág. 89).

Outra situação pertinente é o fenômeno da *monotongação* (BAGNO, 2006, p. 106), isto é, quando dois sons vocálicos (ditongo) são transformados em apenas um som (monotongo), como é o caso de OU e EI, nos exemplos: *Porquera*, *Dexa quieto* e *Otro*. Isso acontece porque na pronúncia o ponto de articulação é igual ou próximo, fazendo com que se assimilem.

Registram-se também falas entre os personagens em que houve a observância do alçamento das vogais /E/ (média-alta) para /I/ (alta) e /O/ (média-alta) para /U/ (alta), em um caso específico de /A/ (baixa) para /É/ (média-baixa). Esse fenômeno é denominado como *Harmonização Vocálica*, quando há alçamento das vogais para que alcance uma harmonia na enunciação, como é o caso dos exemplos: *Réiva*, *Suzinha*, *Pionada*, *Tristi* e *Cavalu*.

Reis e Espesser (2006), em um estudo eletropalatográfico dos sons vocálicos do PB, investigaram os movimentos espaciais e temporais dos articuladores envolvidos na produção das vogais e relatam que a vogal média alta anterior [e] se assemelha à vogal alta anterior [i], apresentando contatos longitudinais laterais na mesma região da vogal alta anterior. Com relação às vogais posteriores, o estudo mostrou que a vogal média alta [o] exibe a mesma característica velar da vogal alta posterior [u], não sendo observada uma distinção mais evidente entre as duas vogais no eletropalatograma.

Estas harmonizações vocálicas dão à língua portuguesa uma musicalidade, uma variedade sonora que só ela tem, e que é muito difícil de ser percebida e aprendida por um estrangeiro, que normalmente se deixa guiar pela forma escrita. (BAGNO, 2006, Pág. 116).

Em uma das cenas da novela, a personagem *Juma* se refere a uma lembrança que tem da mãe com o verbo desta forma, *Eu alembro*. Seguindo a mesma orientação do livro *A língua de Eulália*, isso configura um arcaísmo, origem do latim, por este motivo se repete nas falas dos personagens, já que os mesmos possuem pouco acesso ao ensino escolar e não acompanham tais mudanças ocorridas na gramática, dessa maneira são falantes conservadores, pois seguem as mesmas regras antigas da língua portuguesa que estão em desuso.

Além dessas variações lexicais presentes nas falas dos personagens, observamos também alguns vocábulos próprios da região pantaneira, especialmente dos falantes das áreas rurais, os assim chamados regionalismos, formando-se assim um dialeto pantaneiro que é reconhecido pela comunidade de fala. Vejamos o que Isquerdo (2009) diz sobre o léxico:

O léxico é o nível da língua que melhor evidencia as pegadas do homem na sua trajetória histórica. É por meio dele que o homem nomeia o espaço que o circunda e consubstancia a sua visão de mundo acerca da sociedade. Nessa perspectiva, as migrações do homem se traduzem também em migrações de palavras que ora se fixam na fala de determinados grupos sociais, ora são substituídas por outras que melhor traduzam a realidade sociocultural desses grupos. (ISQUERDO, 2009, p. 43).

Ou seja, é por meio do falante que aquilo que está em volta dele é nomeado, podemos perceber isso com o quadro listamos algumas expressões e seus respectivos significados, como nos exemplos: *Ara, Larga mão, Frozô, Prefumosa, Diacho, Emprenhar, Cramulhão, Tapera, Pirangueiro, Bruaca, Relar, Pitica, Olhadura, Marruá, Jacú, Currutela, Chalana, Banzé, Alforje, Arribado, Enrabichar, Periquito que fala, Comitiva e Berrante*.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho permitiu-nos perceber que as variações linguísticas possuem explicações científicas tanto de ordem histórica (origem das línguas, ex. *Latim*), como de ordem fonológica (assimilação na enunciação da fala). Além disso, serve de conscientização que não existe língua única, há apenas uma institucionalização de uma das variedades do português brasileiro que possui maior prestígio social. Seguindo as ideias de Bortoni-Ricardo (2004), classifica-se o português brasileiro como uma entidade heteróclita, onde há sistemas contínuos para explicações de tais variantes e que no Brasil existem variedades de línguas portuguesas.

Para a autora, no contínuo de urbanização, em um dos polos estão as variedades rurais usadas pelas comunidades geograficamente mais isoladas; no outro polo oposto estão as variedades urbanas que recebem influência dos processos de padronização da língua; já no espaço entre esses polos está a zona rurbana. Ainda de acordo com a autora, os grupos rurbanos são formados pelos migrantes de origem rural, que preservavam sua cultura e seu repertório linguístico, e pelas comunidades interioranas que residem em núcleos semirurais, que por sua vez recebem influência urbana.

Ao passo que na novela *Pantanal* foi possível observar que os falantes se encontravam na zona rurbana, tendo em vista que eles não modificaram o seu jeito de falar, como no caso da Juma.

Por fim, é importante destacar que a representatividade da novela *Pantanal* trouxe reflexão sobre a língua portuguesa e o reconhecimento da variação linguística no português do Brasil, o que é determinante para colocar fim ao preconceito linguístico, assunto que muitas vezes não é trabalhado em sala de aula da educação básica, mas que por meio de estudos e pesquisas, pode levar conhecimento aos leitores e contribuir com o desempenho dos professores de português e dos futuros profissionais de Letras.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, M; GOMES, C. **Dois fenômenos de supressão de segmentos em limite de palavra**. Ensaios de Linguística. Belo Horizonte, v.7, p. 43 - 51, 1982.
- ARAÚJO, S. S. de F.; SILVA, M. C. A. da. **A heterogeneidade linguística e social na sala de aula: reflexões para um ensino pautado na ciência**. Revista da ABRALIN, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 1–5, 2020. DOI: 10.25189/rabralin.v19i2.1429. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1429>. Acesso em: 09 set. 2022.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. Marcos Bagno, 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- BORTONI-RICARDO. S. M. **Educação em Língua Materna: A Sociolinguística na Sala de Aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S.M. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014
- CHAUÍ, M. A linguagem. In: __. **Convite à filosofia**. 13 ed. São Paulo: Ática, 2000. p. 172-190.
- CHOMSKY, N. **Linguagem e mente**. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.
- COELHO, I.L. [et al.]. **Sociolinguística**. Florianópolis : LLV/CCE/UFSC, 2010. 172 p.

- DITTMAR, N. **Um levantamento crítico de Sociolinguística**. Nova York. 1976.
- GONÇALVES, C. R. **Uma abordagem Sociolinguística do uso das formas você, ocê e cê no português**. 349p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo/SP, 2008.
- ISQUERDO, NA. **O caminho do rio, o caminho do homem, o caminho das palavras...** In: RIBEIRO, SSC., COSTA, SBB., and CARDOSO, SAM., orgs. *Dos sons às palavras: nas trilhas da Língua Portuguesa* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 42-59. ISBN 978-85-232-1185-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.
- LABOV, W. **Principles of linguistic change**. Oxford: Blackwell, 1994. v. 1
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LAUSBERG, H. **Linguística românica**. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.
- LIMA, F.P. de. **A linguagem do pantaneiro: perspectiva sociolinguística**. Três Lagoas/MS, 2008.
- MANÉ, D. (1). **As concepções de língua e dialeto e o preconceito sociolinguístico**. Via Litterae (ISSN 2176-6800): Revista De Linguística E Teoria Literária, 4(1), 39-51. Recuperado de <https://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/article/view/5335>.
- MATTOS E SILVA, R. V. **Variação, mudança e norma: movimentos no interior do português brasileiro**. In: BAGNO, M. *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2002
- MARQUES, E.A.; ISQUERDO, A.P. **Locuções no universo lexical pantaneiro: em busca de marcas de idiomaticidade**. LaborHistórico, Rio de Janeiro, 2019.
- MOLLICA, M.C. Relevância das variáveis não linguísticas. In: __. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 27-32.
- OLIVEIRA, R.F. de. **A supressão de sons no português brasileiro**. Brasília, 2018.
- REIS, C.; ESPESSER, R. **Estudo Eletropalatográfico de Fones Consonantais e Vocálicos do Português Brasileiro**. Estudos da Linguagem, n.3, p181-204, Vitória da Conquista, 2006.
- RIBEIRO, T.L.; RAMOS PINTO, V.M. **O “ERRE” CAIPIRA:** Web Revista SOCIODIALETO, [S.l.], v. 9, n. 25, p. 257 - 283, abr. 2019. ISSN 2178-1486. Disponível em: <<http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/71>>. Acesso em: 08 set. 2022.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e IzidoroBlikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

TARALLO, F. A pesquisa sociolinguística. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1986.

WIENREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. [Trad. Marcos Bagno]. São Paulo: Parábola, 2008.